

25 ABRIL – Poetas de Intervenção e Personalidades Femininas

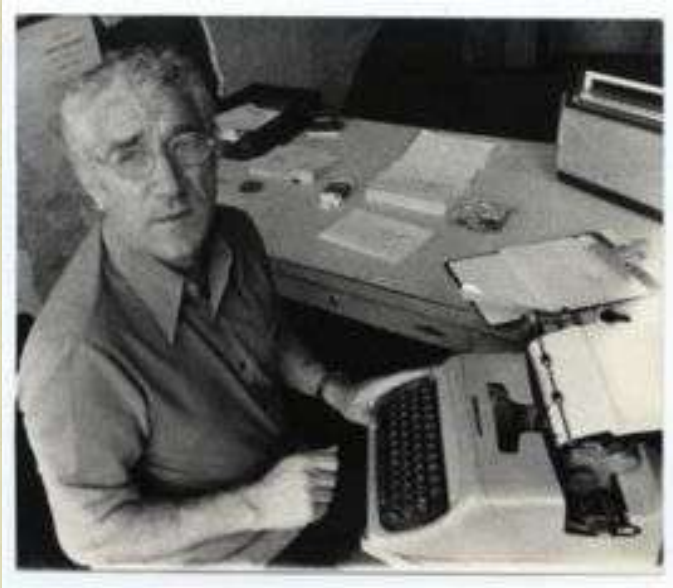
MÓDULO: CLC 7 – DR 4

FORMADORAS: Dra. Diana Marques / Dra. Gabriela Cruz

FORMANDAS: Carmen Airosa, Joana Dias e Susana Pinheiro

DATA: 21 de Setembro, 2009

O poeta e jornalista português João Apolinário



João Apolinário Teixeira Pinto (Belas, Sintra, 18 de Janeiro de 1924 — Marvão, 22 de Outubro de 1988) foi um poeta e jornalista português. Combateu o fascismo tanto em sua terra natal, quanto em seus anos de exílio no Brasil. Colaborou em inúmeras publicações importantes nos dois países. Teve ainda inúmeros poemas musicados pelo filho, o músico João Ricardo.

Infância e formação

- Viveu parte da infância no *Vale da Pomba*, propriedade familiar em Lebução, Chaves, onde fez o curso primário. Depois estudou em Lisboa, no Colégio Valsassina e no Liceu Camões e cursou Direito na Universidade de Coimbra e Lisboa. Mas já surgira a poesia.

Jornalista

- Aos 21 anos, optando por não advogar, poeta já assíduo da *Brasileira* do Chiado e jornalista, foi para a França como correspondente da Agência Logos. Viver os terríveis últimos tempos da Segunda Guerra Mundial marcou-o definitivamente e cruamente.
- Sequelas de um acidente ocorrido nos únicos quatro meses de prestação do serviço militar no Batalhão de Artilharia Um, de Lisboa, levaram-no a mudar radicalmente os planos, após meses de um tratamento severo em Genebra. Acabou a recuperação na casa da mãe, D. Helena Teixeira Pinto, e iniciou a carreira de jurista.
- Casou-se pela primeira vez, teve dois filhos, João Ricardo e Maria Gabriela.
- Integrou grupos de intelectuais, poetas e jornalistas. Foi cofundador do *Teatro Experimental* do Porto e com este o génio e a modernidade de Marcel Marceau e de Jean Genet chegaram ao país.

Exílio

- A prática cultural, nunca partidária, de João Apolinário, na poesia, no teatro, no jornalismo, especialmente na crítica e na reportagem; a acutilância de suas ideias antifascistas e não colonialistas, mais acções de real protecção a quem delas necessitasse, resultaram em prisões, torturas e, pior, tempos dolorosos de afastamento dos filhos, João Ricardo e Maria Gabriela.
- Foi secretário, na delegação do Porto, da Associação Portuguesa de Escritores, durante a presidência de Aquilino Ribeiro. Recebeu companhias teatrais brasileiras, como a de Cacilda Becker, actriz maior em língua portuguesa. Como resultado disso, em 1963, começou a viver o exílio imposto pela polícia política do regime. Partiu para São Paulo em Dezembro daquele ano.

Exílio

- Durante três meses, de Janeiro a Abril, na redacção do jornal *Última Hora*, de São Paulo, usufruiu, pela primeira vez, do privilégio da liberdade de expressão e de uma vida diária sem pressões político-policiais. Em Abril de 1964 teve início um período longo de ditadura militar no Brasil. O poeta, jornalista a tempo inteiro agora, voltou a escrever nas entrelinhas.
- Sofreu ameaças de morte do CCC: Comando de Caça aos Comunistas. Era nacionalista num país em que foi crime, desde sempre, sê-lo.
- Conviveu com intelectuais e artistas num forte novo mundo. Teve amigos chilenos, intelectuais actuates, mortos pelo regime de Pinochet.

PORTTUGAL – 25 Abril, 1974

- Viveu, no dia 25 de Abril de 1974, a enorme alegria, por um tempo breve, sim, mas pode vivê-la, de ver Portugal livre do fascismo.
- Em Setembro visitou o país. E numa semana de Dezembro escreveu *Apátridas*, integrada em diversas edições da *História da Literatura Portuguesa*.
- Em Abril de 1975 voltou a Portugal. O seu trabalho poético cresceu e publicou *Amor fazer Amor*, *Poemas Cívicos*, *O Poeta Descalço* e *Eco Húmus Homem Lógico*. De 1980 a 1988 escreveu *Sonetos Populares Incompletos*.
- A morte surpreendeu-o a 22 de Outubro de 1988, justamente quando havia reencontrado, na vila de Marvão, o silêncio e o tempo *para ver mudar a cor das flores*.

POEMA: João Apolinário - “Flores Astrais”

MUSICA: João Ricardo

GRUPO MUSICAL: Secos & Molhados

ANO: 1974

